

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

“Envergonhei-me de mim mesma e tive medo!” A mulher e suas representações em um periódico literário mineiro da primeira metade do século XIX.

Guilherme de Souza Maciel¹

Na história da imprensa periódica de Minas Gerais, Ouro Preto configurou-se como a principal praça para a circulação de jornais da província no século XIX, justamente por ter sido essa cidade a sua capital durante a maior parte daquele século. Estima-se que 49,2% destes jornais lá foram produzidos, sendo a maioria deles de cunho estritamente político-doutrinário.² *O Recreador Mineiro* foi o primeiro periódico literário de Minas Gerais³. Sua veiculação teve início no dia 1º de Janeiro de 1845, em Ouro Preto na Rua do Jiló (atual Rua Paraná) número 9, onde se encontrava a *Typographia Imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Souza*.⁴ Com circulação quinzenal até a data de 15 de Junho de 1848, foram publicados, ao todo, 84 números; o conjunto de 12 edições formam um tomo, sendo sete tomos ao todo com numeração contínua.

Pode-se ter uma noção do círculo social pelo qual esse periódico se difundiu a partir das listas de assinantes publicadas em determinadas edições, contendo o nome completo, cidade e, por vezes, a profissão dos mesmos. Já na lista de 1846, um ano após sua inauguração, figuravam 349 assinantes de vários pontos de Minas Gerais, além do Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Lisboa e Paris. Alguns nomes desta lista foram identificados, objetivando-se traçar o perfil geral desses leitores.⁵ São, em grande

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Substituto de Prática de Ensino de História na Universidade Federal de Viçosa.

² REIS, Liana Maria. Escravos e Abolicionismo na Imprensa Mineira (1850-1888). *LPH- Revista de História*. Ouro Preto, v.2, Nº1, Departamento de História/UFOP: Imprensa Universitária da UFOP, 1990. p. 222-229.

³ DRUMMOND, Maria Francelina. *O Recreador Mineiro (1845-48): rastros do leitor e da leitura na primeira revista literária de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura. FALE/UFMG, 1995. p.11.

⁴ *O Recreador Mineiro*, p.16. *O Recreador Mineiro* será utilizado como fonte, a partir de agora, com as iniciais RM, seguidas com o número das páginas de onde se encontra a citação.

⁵ Alguns nomes foram encontrados nas obras de: MARINHO, José Antônio. *História do Movimento Político de 1842*. Apresentação de Francisco Iglesias. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. E também de: VEIGA, José Pedro Xavier da. *Efemérides Mineiras*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos Culturais Fundação João Pinheiro, 1998.

parte, pessoas de extrema relevância social, destacando-se figuras importantes da política mineira e brasileira, como presidentes e ex-presidentes de províncias, deputados, senadores, oficiais de alta patente, signatários da lista a favor da Independência do Brasil, participantes da Revolução Liberal de 1842 em Minas Gerais – o que atesta a forte ligação do periódico com o grupo liberal da Província. Figuram, ainda, desembargadores (em grande número), o superintendente do ensino público de Minas, padres e vigários, dentre eles o Bispo de Mariana, Antônio Ferreira Viçoso; além de um grande número de mulheres, parte de um novo e crescente público leitor desde a primeira metade do século XIX.⁶

O Recreador Mineiro apresenta-se dividido em três seções, intituladas: Memória/História, Razão/Filosofia, Imaginação/Poesia. Esta mescla de assuntos acaba por enquadrá-lo nos moldes da intelectualidade então em voga, entre o qual o Ecletismo transparece como base para a articulação de seus textos.⁷ Da mesma forma como no *Recreador Mineiro*, a questão do conhecimento possui extrema relevância no Ecletismo.

A descrição das matérias contidas em cada seção e expostas no índice do Primeiro Tomo, oferece-nos um panorama da amplitude dos assuntos tratados em cada uma delas. A maior e mais diversificada é a seção “Memória/História”. Nela encontra-se um grande número de artigos subdivididos da seguinte maneira: descrição física e política; trigonometria; topografia; estatística; cronologia; crônica jurídica; história moderna; moral pela história; uso dos povos; biografia; historiografia; anedotas; etimologia histórica; medicina terapêutica; influxo moral; agricultura; belas artes; folhetins; fábulas. A seção “Memória/História”, dentre todas, é a mais informativa: pauta-se na transmissão de conteúdos para o público leitor e funciona como um centro irradiador de conhecimento enciclopédico.

A seção “Imaginação/Poesia” possui um teor mais recreativo. Divulga poesias, divididas entre os gêneros lírico e épico; cantigas, gravuras, charadas, epigramas, enigmas, adivinhações. Alguns poetas brasileiros da primeira fase do Romantismo

⁶ DRUMMOND, Maria Francelina Silami Ibrahim. *O Recreador Mineiro (1845-48): rastros do leitor e da leitura na primeira revista literária de Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, UFMG, 1995. p.41.

⁷ O termo Ecletismo é encarado aqui como um conjunto de idéias do século XIX, que designa o aproveitamento do que parece melhor nas diversas opiniões, doutrinas, modos de ação apresentados onde há escolha, processada com critérios filosóficos, que consiste em procurar uma identidade de sentido na diversidade dos princípios dos sistemas. Existe nessa corrente de pensamento, a idéia de que é possível escolher em cada um dos sistemas o que existe de melhor, contanto que se proceda orientado por um princípio. SOARES, Orris. *Dicionário de Filosofia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1952. p.3.

colaboram com poemas, entre eles destacam-se Salomé de Queiroga e Gonçalves de Magalhães. *O Recreador Mineiro* introduz o gênero romântico em Minas.⁸

A seção “Razão/Filosofia” apresenta a intenção formativa do periódico. Como consta no índice do Primeiro Tomo, é dividida em: Moral, Crítica, Máximas, Pedagogia, Física, Filologia, Etimologia Gramatical e Decifrações. Na seção “Razão/Filosofia” delineiam-se os alicerces políticos e filosóficos do *Recreador Mineiro*, por meio de textos mais objetivos que, por vezes, se aproximam dos editoriais das revistas contemporâneas.

O Estado imperial brasileiro rompeu definitivamente os laços de dependência política com Portugal na década de 30 do século XIX e concretizou-se definitivamente sob as bases de uma monarquia constitucional na década seguinte. Aos membros dessa elite letrada imperial, sobretudo àqueles mais diretamente ligados à Corte, apresentou-se a tarefa de se forjar uma identidade para o país de forma que os seus pares de outras províncias se imbuíssem do sentimento de pertencimento à unidade maior, que é a nação, e cuja “visão de mundo”⁹ formasse um todo homogêneo baseado nos princípios da Ordem e da Civilização. Foi dentro desse contexto que surgiu o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro em 1838, procurando viabilizar o projeto de se pensar a história do Brasil de forma sistematizada, conferindo à história a primazia na tarefa de revelar o verdadeiro caráter da nação brasileira.¹⁰

Também foi dentro desse contexto que o grupo social ligado ao *Recreador Mineiro* se prestou à tarefa de auxiliar na formação de uma identidade para a nação brasileira através da difusão dos princípios de civilidade que colocariam o Brasil no conjunto das Nações Civilizadas observando que, para a elite imperial, constituir-se como uma nação portadora da civilização era, acima de tudo, constituir-se como um Estado Nacional.¹¹ Isso porque o discurso histórico no Romantismo, deixou de ser

⁸ DRUMMOND, Maria Francelina Silami Ibrahim. *O Recreador Mineiro (1845-48): rastros do leitor e da leitura na primeira revista literária de Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, UFMG, 1995.

⁹ Conceito que Roger Chartier define como o conjunto de aspirações, de sentimentos e de idéias que reúne os membros de um mesmo grupo e os opõe aos outros grupos. Esse conceito nos permite atribuir um significado e uma posição social dos textos literários e filosóficos, discriminar no interior de uma obra individual os textos “essenciais” constituídos como um todo coerente, com o qual cada obra singular deve ser relacionada. In: CHARTIER, Roger. *Cultura Escrita, Literatura e História: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre, Jesus Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001. p.47.

¹⁰ GUIMARÃES, Manoel L. S. Nação e civilização nos trópicos: O IHGB e o projeto de uma história nacional. In: *Estudos Históricos. Caminhos da Historiografia*. Rio de Janeiro, nº1, 1988. p.5-27.

¹¹ MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema. A formação do Estado Imperial*. Rio de Janeiro: ACCES, 1994. pp.116-117

puramente descritivo para se tornar mais interpretativo e formativo, a história “mestra da vida”, constituiu-se como o discurso privilegiado para se edificar a civilização e, portanto, a nação.

No entanto, faz-se necessário apontar sob quais aspectos a história é encarada nesse periódico, tomando como ponto de partida artigo intitulado “O Romance” (RM-19), que nos oferece alguns elementos para observarmos a visão de história veiculada naquele periódico:

“Mil vezes o historiador traça a seu jeito os fatos, dá-lhe outra aparência, orna-os de outras molduras; enquanto que o romancista, parecendo entregue todo à imaginação, descreve fielmente os costumes da época, e apresenta em seus quadros as virtudes e os vícios do seu tempo e povo; e deleitando, mais propende à verdade do que a história. A história, com todos os fumos de antiga aristocracia, apenas demora suas vistas soberanas sobre os altos casos, reis, suas vitórias, desastres e política: o romance, menos altivo, democrata moderno, compraz-se com poucas coisas, abraça a multidão, identifica-se com o povo e, modesto segue a índole e caráter nacional.” (RM-19).

Esse trecho é fundamental para se compreender sob qual ponto de vista história e literatura são consideradas pelos redatores: a história é tomada como narrativa dos fatos do passado, atrelada a valores absolutistas e, por isso descreve somente aquilo que diz respeito aos “grandes homens” e seus feitos. A história é tida, então, como incompleta, justamente por não cumprir de forma satisfatória o papel social que lhe cabe, que é ensinar por meio de exemplos. O romance, por sua vez, assemelha-se à história pelo fato de ser também uma narrativa. No entanto, o romance possui uma abrangência temática maior e engloba aspectos que envolvem os mais diversos grupos da sociedade e, por isso, é merecedora de maiores méritos. Assim como a história, o romance passa a pertencer à categoria pragmática de “mestre da vida”:

“... o observador que atente com cuidado os romances dos diversos povos e idades tirará muitas vantagens para o conhecimento dos costumes e alcançará o fio que lhe servirá de guia no intrincado labirinto do coração humano. Outra vantagem também vê-se no romance, é o desenvolvimento progressivo dos conhecimentos seguidos e aumentados na sua história; por isso que cada um romance, sendo o representante das idéias que dominam o país, e trazendo o cunho do século que foi composto, descobrirá destarte qual a marcha que em sua viagem tem feito certas crenças, quais os países em que foram

adotadas ou repelidas e quais aqueles enfim em que ficaram naturalizadas.” (RM-20).

É exatamente a função pedagógica que o romance passa a assumir a partir do século XVIII e que ganha força no século XIX.¹² Por isso, no artigo “O Romance”, insiste-se em atribuir à literatura em geral a disposição de revelar as principais características de um povo. Aqui, as práticas que fazem reconhecer uma identidade, uma maneira própria de estar no mundo, estão delineadas em quase todo o texto:

“(…) pelo romance, com facilidade se descobre o grau maior ou menor de liberdade que goza o país; pois que o escritor, tomando sempre medidas para descarregar sem prejuízo os golpes de que está armado, pelo claro escuro que deixa nos quadros, e pela escolha das tintas, denuncia o grau de civilização e liberdade do país, e a que prêas (sic) ligavam o autor.” (RM-20).

Observamos, no entanto, que a seção “Memória/História” é a maior entre as três seções do *Recreador Mineiro*, sendo também aquela que abarca a mais variada gama de assuntos que, tranqüilamente, poderiam destoar daquilo que se compreende como parte integrante do conhecimento histórico no século XIX. Suas subdivisões englobam os mais variados temas, que vão desde os folhetins, passando pela cronologia, agricultura, geografia, indo até as anedotas. Portanto, “tudo” é história nas páginas do *Recreador*. Observa-se, então, que a história é tomada como espaço privilegiado para a irradiação do conhecimento. O “pensar historicamente” é também uma das principais posturas assumidas pelos homens no século XIX: “o homem moderno caracteriza-se pela consciência histórica a que está forçado.”¹³ O laço cultural do periódico com a história mostra-se, portanto, mais forte do que com a própria literatura. Ou seja: na concepção dos redatores do periódico, a literatura, de fato, consegue captar o típico, revelar as especificidades dos homens comuns para ensinar através de exemplos mais próximos da realidade, além de ser uma leitura mais deleitável. Porém, como a consciência histórica é aquela que conduz os homens na modernidade, eles invariavelmente atrelam seu discurso à história.

É, portanto, dentro da seção Memória/História que os artigos e folhetins publicados no *Recreador Mineiro*, trazem consigo uma série de exemplos, normas de

¹² VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. *A formação do Romance Inglês: ensaios teóricos*. Tese de Livre Docência. São Paulo, USP. 2000. p.40.

conduta e valores morais que nos possibilitam perceber como aquela sociedade representava¹⁴ a mulher e qual papel era a ela destinado numa sociedade patriarcal, machista e violenta, em face ao projeto de construção de uma identidade para o país.

Vamos então a alguns exemplos de como isso se deu, primeiramente com o folhetim que dá nome a essa comunicação: “Envergonhei-me de mim mesma e tive medo” (RM-9): é a narração de uma história ocorrida com a Condessa Amélia e sua família em sua casa em Paris. Segundo o narrador, a Condessa não quis sair de Paris para sua quinta na Normandia, como era de seu costume, no último verão. Seu marido obviamente protestou e perguntou por que Amélia não desejou ir a uma quinta que ela mesma dizia que gostava tanto. O Conde resignou-se e “... apenas pensou que uma mulher de 25 anos, bela e admirada, não queria separar-se dos divertimentos da capital.” (RM-9). Porém, ele não sabia do verdadeiro motivo: Amélia não queria se afastar de um mancebo chamado Theobaldo de Montlue que, ao mesmo tempo, se enamorou dela e por Madame de Maley. A Condessa não quis, portanto, se retirar de Paris para não dar chances à sua rival. Theobaldo procurou então se aproximar da Condessa, indo uma noite à sua casa e conseguiu entrar nos seus aposentos por intermédio de uma das criadas da casa. O marido não viu a entrada de Theobaldo nos aposentos de sua mulher, que eram separados dos seus.

Amélia mostra-se bastante receptiva à visita do jovem:

“A Condessa amava este mancebo ardente e belo; como ele mesmo disse; naquele momento pensava nele; talvez mesmo esperava um pouco esta misteriosa visita; deixou portanto de fingir uma cólera que estava longe de seu coração; seu rosto corava, seus lábios se sorriam; e entregou a Theobaldo essa alva e

¹³ LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário*. Razão e imaginação no Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.99.

¹⁴ Cabe aqui apresentar a referência com a qual o conceito de representação está sendo utilizado nesse texto: trata-se, sobretudo nas observações realizadas por Roger Chartier em “A História Cultural: entre práticas e representações”, que diz que as representações estão vinculadas ao processo de produção de sentido, por um determinado grupo social, através de elementos diversos de discurso. Segundo Chartier, cabe ao historiador identificar os símbolos atrelados ao discurso desse grupo, procurando analisar de que forma seus valores e o seu posicionamento perante os demais grupos sociais podem ser determinados pelos seus interesses específicos. Verifico como uma das principais funções da representação na capacidade que os grupos sociais adquirem através dela para forjarem um significado ao mundo social e, portanto, definirem contraditoriamente as identidades – tanto a dos outros como as próprias. Fica claro que esse é um aspecto crucial do desdobramento das especificidades da história cultural, qual seja, a de levar em consideração as representações como elementos importantes no jogo de ordenação, portanto, na hierarquização da própria estrutura social. In: CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

delicada mão, que com razão louvava esse atrevido mancebo ...” (RM-9).

Nesse exato momento eles ouviram alguém chamando pela Condessa Amélia batendo na porta do quarto. Era o seu marido, dizendo que sua filha estava muito doente. Então, subitamente, ela foi tomada pela consciência de seu ato: “... o amor materno dissipou então todo o mais amor e susto... E seu rosto que acabava de corar de prazer ficou mais branco que o filó de seu lenço.” (RM-10). Seu marido, muito transtornado, revelou de uma só vez todo o amor que ele sentia por ela e pela sua família. Nota-se nessa passagem a valorização dessa instituição sob uma forte carga emotiva. Em prantos, o Conde diz:

“- Há uma hora que eu era tão feliz! Entrava sossegado para o meu quarto e dizia comigo: - Amélia, a minha Amélia dorme tranqüila; amanhã eu a abraçarei depois de uma noite sossegada; a dois passos dela descansa a minha filhinha; ao almoço a pequenina passará dos braços de uma aos braços do outro, e cada vez mais alva, mais fresca, mais querida. Sou o homem mais feliz do mundo! Moço, rico, amado de minha mulher, e dentro de alguns anos também de minha filha!” (RM-10)

Então, ele clama para que Amélia salve a sua filha num gesto desesperado. Pede para que os criados da casa levem o berço da menina para o quarto da mulher na esperança de que a menina fique melhor. Amélia é tomada por um sentimento de culpa; a culpa por ter traído não só o seu marido, mas também a sua família: “E assim, esse homem, que chorava em seu seio, que havia uma hora se julgava tão feliz, era ferido ao mesmo tempo com dois golpes mortais, e só sabia ainda de metade de suas desgraças. E ela, também não era ferida? Não ia perder a filha?” (RM-10/11).

Aqui, a moral cristã se apresenta de forma clara e efetiva. A mulher é colocada como aquela que deve cuidar de sua prole e ser subserviente ao marido – o patriarca da família – caso contrário, ela pode sofrer os castigos divinos. Pode também sofrer a repulsa da sociedade que causam o sofrimento e a infâmia. Amélia assume essa postura na passagem:

“Deus me castiga, dizia ela fechando os olhos para não ver a dor de seu marido, e as angústias de sua filha. Ainda não sou criminosa, mas o castigo precede a culpa. E, entretanto, quantas mulheres vivem cercadas de linda e tenra família, que não tem um crime só, mas cem!” (RM-11)

Ela se assegura de que seu gesto de traição para com o marido é um castigo de Deus e, por isso, pensa na confissão, esperando que esse castigo recaia sobre ela, e não

sobre sua pobre filha. Porém, ela começa a se redimir quando passa a se questionar se o gesto de traição que cometera realmente valia a pena, perguntando-se se Theobaldo realmente a amava e se a beleza e o espírito altivo desse mancebo justificavam o seu sofrimento: “Depois, animava-se mais e perguntava a si mesma se não daria todo o amor, afeição e ternura de Theobaldo por um sorriso de uma filhinha única.” (RM-11). Amélia questionou-se sobre a sinceridade do amor de Theobaldo. Questionou-se também se lhe fosse permitido escolher entre o pai de sua filha e o jovem mancebo, quem ela escolheria? E diz:

“Que fatalidade a tinha levado a esta intriga que tinha chamado de paixão? Uma rivalidade de mulher, e nada mais. Oh meu Deus! E porque deixava ela a Madame de Maley o seu amante? Talvez que então, em vez de chorar se sorrisse junto ao berço...” (RM-11).

O Conde não desconfia sequer um instante de sua mulher de tão estupefato que fica diante daquela situação.

A família chama um médico que examina a criança e atesta que ela sofreu uma crise nervosa, mas que já havia melhorado, podendo então dormir sossegada em seu próprio quarto.

Posteriormente, o criado chega ao casal e entrega ao Conde uma carta da Madame de Maley que a lê e diz enfurecido ao médico: “- Doutor, conheceis os meus dois tesouros, minha filha e minha mulher... pois bem: receei muito ainda agora pelos dias de uma, e caluniam a outra.” (RM-12). Aqui se percebe que no folhetim, o homem é o elemento que se pauta na correção da conduta, que valoriza e ama a sua família. Ele é o grande referencial para a sua mulher e, por isso mesmo ela deve sempre valorizá-lo.

Dessa forma, a Condessa Amélia toma uma atitude em prol da família, dizendo ao jovem Theobaldo que ele deixe a sua casa e a sua vida para que ela possa se dedicar inteiramente ao seu marido e à sua filha. Aqui, ela exprime todo o sentimento pelo qual ela passou:

“- Senhor, lhe diz ela, eu não vos amo; amo a meu marido e a minha filha... perdoai-me, e em nome do céu saí... Vossa presença neste lugar me fez conhecer dois sentimentos que eu ainda não havia experimentado até hoje: Envergonhei-me de mim mesma e tive medo!” (RM-12).

Durante todo o percurso do periódico, sobretudo nos folhetins, o papel atribuído à mulher perpassa pelo universo da família. O que transparece nos textos é que cabe a

ela apenas o casamento e que só assim as mulheres podem ser felizes. Aliás, que toda a sua criação é orientada para esse propósito, ou seja, essa é uma atribuição que as mulheres recebem desde cedo naquela sociedade. No folhetim “Véspera de um casamento” (RM-85), a idéia de que as mulheres devem ser criadas para o matrimônio transparece de forma clara. Essa é a história de um pai que organiza os preparativos para o casamento de sua filha, onde o narrador assim descreve o senhor Aubry, o qual:

“...tinha se dedicado todo inteiro à educação de uma filha única, sobre a qual havia reunido o que seu coração possuía de afeto e de esperança... Uma educação severa, tal como ele a concebia por havê-la recebido, não deixava, dizia ele, as paixões senão o lugar necessário para estabelecer a vida e não para transformá-la.

Com tais pensamentos, vê-se que a escolha de um esposo para sua filha deveu ser para ele o assunto de muitas reflexões...” (RM-85).

Da mesma forma atribui-se à mulher a subserviência para com o marido, caso contrário, ela se torna digna de desprezo ou desaforo. Um bom exemplo são as quadras de uma poesia chamada “Verdades Singelas” (RM-46) de autoria de Paulino Cabral de Vasconcelos, que demonstram o ponto de vista dos homens sobre as mulheres que não se enquadram nesse perfil. A poesia dá dicas aos homens, caso eles encontrem uma mulher:

“Que dança de arremesso,
Que faz versos e é Cortez,
Que joga e fala francês;
Enfim, mulher que eu conheço,
Seja clara ou seja bela:
Fugir dela!” (RM-46)

Ou ainda:

“Uma fidalga noviça
Que quer com grande insolência
Ser tratada de excelência
Com chinela de cortiça
E manto de tafetá:
Arre lá.” (RM-46)

...

“A que bebe sem vergonha,
Que toma tabaco e dança,
Que do jogo não se cansa,
Que é toda guapa e risonha,
Se por milagre é donzela,
Ter mão nela!” (RM-46)

Muitas vezes, as mulheres são colocadas como aquelas que podem trazer turbulência ao lar, porque atraem os olhares e o desejo de jovens aventureiros e, muitas vezes elas chegam a dar atenção aos pretendentes, levando os maridos a tomarem atitudes enérgicas, ou sofrerem diante de seu ciúme. Tomemos como exemplo, o artigo, “A Mulher bonita” (RM-158), que expressa a maneira conflituosa com que aquela sociedade machista lidou com as mulheres: “Pediam a Fontenelle a definição de uma mulher bonita: ‘Uma mulher bonita, respondeu ele, é o paraíso dos olhos, o inferno da alma, o purgatório da bolsa.’” (RM-58). Por vezes, o machismo se aflora nos artigos em um tom quase cômico, levando-se em conta os padrões que consideramos normais para o relacionamento entre homens e mulheres, e que nos levam a pensar como aquela sociedade afirmava a superioridade do homem em relação à mulher, como em “O marido previdente” (RM-91). Nesse texto, aparece a figura do marido que bate na esposa com um pau e lhe quebra o braço. A mulher então pede ao médico que cobre do marido 15 moedas como pagamento, a fim de que seu marido pense duas vezes antes de lhe bater de novo. Porém, o marido paga ao médico 30 moedas e lhe diz que é para a próxima ocasião, caso ele quebre novamente o braço de sua esposa. Então, o narrador fecha o texto com a seguinte sentença, que indica uma postura favorável à atitude desse marido: “Esta resolução do marido intimidou de tal modo a mulher, que dali em diante viveram na melhor harmonia; verificando-se neste caso o rifão, de que *há males que vem para o bem.*” (RM-92).

Existem, contudo, alguns artigos em que as mulheres são colocadas como sensatas, perspicazes e corajosas, como em, “Os censores” (RM-66) e “Coragem de uma mulher” (RM-142). No artigo “Os censores”, narra-se um episódio ocorrido na casa da Marquesa de ***¹⁵, em Paris, onde o narrador diz ter presenciado uma reunião de senhores distintos. A pauta de conversação girava em torno de especulações a respeito do futuro e do gerenciamento das nações européias após o processo de reorganização, fundação e contra-reformismo, então em curso naquele continente durante a década de 1840. Assim sendo, aqueles senhores permitiam-se conjecturar sobre quais seriam as suas atitudes caso fossem ministros ou chefes de Estado naquela situação. Nenhum deles chegou a um comum acordo quanto à melhor forma de se resolver as intensas

¹⁵ De uma forma geral, os romances franceses e ingleses, a partir do século XVIII ampliaram o campo de atuação da literatura, dando um passo para retratar, de forma realista, a vida privada. No sentido de criar um tom de “embaralhamento” entre as fronteiras do fato e da ficção, os escritores usavam asteriscos com o objetivo de esconder o nome de personagens supostamente verdadeiros. VASCONCELOS, Sandra

querelas que envolviam aqueles países e, sempre ao final de seus devaneios, diziam: “- Ah! Se eu fora...”.

Vejamos uma passagem, na qual o narrador discorre sobre esses devaneios:

“Queria um que se destronizasse da Saxônia uma nova dinastia; ao mesmo tempo que conservava no trono da Suécia um novo monarca, que ainda aprendia a língua do país, e que na ausência do antigo soberano, reina apenas a um ano.” (RM-66).

O narrador segue, apontando como esses homens se propunham a exercer as funções públicas de forma bastante irônica:

“Eu estava verdadeiramente surpreendido da facilidade com que estes senhores dirigiam ministérios; e não podia conceber como se deixava sem emprego estes homens de estado, que faziam a guerra ou a paz à sua vontade; estes calculadores profundos, que aumentavam as receitas do tesouro diminuindo os impostos; estes financeiros que achavam milhões onde os outros teriam perdido o seu tempo em procura-los; estes homens de talento, que num quarto de hora organizavam leis, para durar uma eternidade; e que se regeneravam todo um povo com a melhor graça do mundo.” (RM-67).

O narrador diz então que a Marquesa, posteriormente, numa conversa particular, relatou com muita perspicácia a respeito das limitações de cada um daqueles senhores chegando até mesmo a apontar elementos que atestavam a incapacidade dos mesmos em governarem com propriedade os seus assuntos privados, e conclui: “Tais são em geral os direitos e os títulos dessa multidão de censores, que sem idéia fixa, falam com segurança daquilo que ignoram, e julgam sem pejo daquilo que não conhecem.” (RM-68). Notemos a inteligência e a sobriedade com que a fala dessa marquesa discorre a respeito da ingenuidade que o sentimento de superioridade incide sobre os homens.

Já o texto “Coragem de uma mulher” (RM-142) revela o amor, a força e a coragem de uma mãe quando vê que a vida de seu filho corre perigo:

“Um homem do condado de Clare havia metido a justiça sobre a pista de um malfeitor, e servido contra este de testemunha no tribunal que o condenou; e posto que bem soubesse achar-se votado á vingança dos amigos e sócios do condenado, não pôde resistir ao desejo de voltar ao seu país para abraçar sua mulher e seu filho. Poucos dias depois da sua volta foi a sua casa atacada durante a noite, a porta arrombada, e o infeliz assassinado a golpes e enforcado. Esta obra de sangue passou-se a vista de sua mulher. Enquanto seu marido lutava coma morte, ela toma seu

filho, criança de 9 anos, e tendo-o escondido a um canto da chaminé, detrás de uns feixes de lenha, lhe diz (...):

- Tu bem ouves os gritos de teu pai moribundo. Sem dúvida eu serei assassinada como ele; (...) porém, eu terei o cuidado de os puxar para aqui, e de lhes resistir o mais possível, para que tu tenhas tempo de ver bem as caras dos assassinos. (...) Examina-as com toda a tua atenção para que as possas reconhecer bem em qualquer parte que os vires, para os denunciares à justiça, e vingar assim a morte de teus pais.” (RM-142).

Decerto, pelo grande número de mulheres que assinavam o *Recreador*, não caberia em suas páginas apenas seus aspectos negativos ou aqueles que transmitiriam uma idéia de inferioridade em relação aos homens. Podemos dizer que a voz das mulheres se faz valer nas páginas desse periódico quando estas são atacadas em atitude abertamente depreciativa. Na edição de número 22, foi publicada uma poesia chamada “As Damas” (RM-350), escrita por uma pessoa que se diz “um seu admirador”, mas que, na verdade, insulta-as em todos os versos dizendo que elas são falsas, traiçoeiras, invejosas, indomáveis, etc. Já na edição subsequente, uma outra poesia, também denominada “As Damas” (RM-367), e também escrita por um homem, inverte o sentido da primeira substituindo as palavras depreciativas por outras que louvam toda a beleza e delicadeza do universo feminino. O mais interessante disso é que na edição seguinte surge uma outra poesia chamada “Os Homens” (RM-381-382), agora escrita por uma mulher – que não se identifica – que se diz “Uma sua avaliadora”, e escrita “em retribuição aos versos publicados no *Recreador* n° 22”. (RM-381). Agora os homens é que são atacados com veemência através de adjetivos tão destruidores quanto aqueles entoados na primeira poesia da série. Vamos a alguns exemplos:

“É seu sorriso
Filho do mal,
Nele se afia
Duro punhal.

Todos cerejas
E todos mel,
Seu coração
Goteja fel.

Fogem das armas
Com aversão;
Tem ao espartilho
Mais devoção.

Em vez de letras

E pondonor,
Trocam por tudo
Um ai de amor.” (RM-381).

Ou seja, as mulheres não só são leitoras do *Recreador*, e muitos dos artigos desse periódico são destinados a elas, como também contribuem com textos em suas edições.

O momento de definição da nacionalidade é também o momento de diferenciação do “outro” em relação ao Brasil, tanto internamente quanto externamente.¹⁶ No *Recreador Mineiro*, o outro é aquele que não é portador da noção de civilização, tanto no plano interno, quanto no plano externo: índios, negros e povos cuja cultura é dominada pela “barbárie”. Tomemos como exemplo o artigo “Código conjugal dos Índios” (RM-108), que apresenta as regras que regem os matrimônios na Índia. Esse artigo é exemplar porque nos oferece a possibilidade de percebermos como a identidade nacional que se deseja forjar sob os princípios da civilidade e da moral cristã pode ser induzida através da diferenciação do “outro”. Assim dizem os redatores sobre como os indianos se relacionam com as suas esposas:

“Que sábios são os índios! Dirão os maridos quando lerem o Código conjugal deste povo, que um jornal inglês apresenta às damas cartistas do seu país! Nós o estampamos em nossas colunas, não para modelo, mas para curiosidade.” (RM-108).

Todas as regras são comentadas em nota, geralmente repudiando-as a partir de princípios ocidentais cristãos: “2º - Ainda que o marido seja velho, aleijado, nojento, brutal e gastador de seus bens com as raparigas; nem por isso a mulher deixará de o considerar como seu soberano e seu Deus!” (RM-108)

Segue uma nota explicativa:

“Esta doutrina é antipática, e com licença dos srs. índios a não achamos muito cômoda. Enquanto à velhice do marido, estamos conformes; mas enquanto a ser o marido aleijado, porcalhão, abrutalhado, e de mais a mais dissipador dos bens com as mulheres alheias, e querer que a mulher o adore e goste dele, pra cá vai barrado!” (RM-108).

No entanto, alguns princípios parecem receber o aval dos brasileiros, como por exemplo: “Se o esposo a castiga, deve receber com paciência e correção; pegar-lhe depois nas mãos, beijar-lhes respeitosamente, e pedir perdão por ter provocado a sua

¹⁶ DIEHL, Astor Antônio. *A cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 90*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 1998. pp. 25-26.

cólera.” (RM-109). E segue a nota explicativa: “É doutrina cristã; bem vemos que aflige, mas não podemos ir contra a Sagrada Bíblia de mais umas agonias entre casados não deixam de ser necessárias, uma reconciliação com lágrimas é papa muito fina.” (RM-109)

Por fim, revela-se a real intenção do artigo: oferecer às mulheres parâmetros que as possibilitem apreender o que é, e o que não é “civilizado”: “... nós o escrevemos não para as afligir: o nosso fim é mostrar-lhes o quanto a nossa civilização está adiantada da tal civilização indiana! Enquanto a nós, o melhor código matrimonial é a graça de Deus.” (RM-109).

Existem duas poesias chamadas “A visita das priminhas”, que narram em verso a conversa de duas primas enquanto estas se visitam. Elas comentam as particularidades do universo social do qual elas fazem parte, ou seja, da sociedade de Ouro Preto, deixando transparecer aquilo que lhes cabia no cotidiano da capital da Província: aulas de piano e de francês, eventos sociais, passeios e namoros, são os elementos que se destacam na vida dessas jovens senhoritas. Também transparece a costumeira visão de que às mulheres caberia esperar por um bom casamento, como na passagem em que elas se despedem:

“- Adeusinho *Amor-perfeito*,
Venha cá, aperte a mão,
Tenha saúde e bom noivo.
- Até outra ocasião.” (RM-175).

Curiosamente, existe dentro desse poema uma menção à leitura do *Recreador Mineiro* pelas priminhas:

“- Prima leu no *Recreador*
O número que passou?
As charadas que ele trouxe
Você todas decifrou?
- Pois se eu gosto de charadas
Deixaria de o fazer?
Algumas me tem tirado
A vontade de comer.
- Decifrou um logogrifo
Que saiu tão complicado?
Se *Manduca* não dissesse
Eu teria adivinhado.” (RM-175).

Aqui chegamos a um apontamento importantíssimo que nos remete a uma divisão realizada pelos próprios redatores entre as categorias de leitores e que nos

oferecem elementos que possibilitam uma apreensão sobre que lugar se destinava às mulheres na estrutura hierárquica daquela sociedade. No artigo “Contextura de um periódico popular” (RM-7), os redatores propõem o delineamento diferenciado dos textos a serem publicados no *Recreador* de acordo com os diferentes tipos de leitores. Os leitores são então divididos em três categorias, de acordo com a capacidade intelectual e o grau de instrução de cada uma delas:

“1ª - A dos que procuram unicamente as luzes da instrução considerada em si só; esta classe é pouco numerosa. 2ª - A dos que amam a instrução recreando-se; esta classe é mais numerosa. 3ª - A dos que buscam na leitura o tédio que os domina, e que só se agradam de matérias frívolas; esta classe é com efeito de mórbida compleição, e de difícil restabelecimento.” (RM-7).

Ao longo do texto, a posição dos redatores é reafirmada na insistência da recuperação dessa última categoria de leitores: “Contudo ela não é digna de desamparo; e talvez, que adquirindo o hábito da leitura, possa ganhar o amor dos conhecimentos sólidos, permutando o sólido pelo superficial.” (RM-7).

Os redatores declaram, posteriormente, que seria impossível atingir as metas por eles estabelecidas se alguma dessas classes de leitores fosse desconsiderada. A conclusão revela o compromisso de abarcar as três categorias, pois: “... todo periódico consagrado à pública instrução sentirá a perda de seus esforços se por ventura abandona a graduada escala de inteligência que percorre somente a linha de um nível privativo.” (RM-7). Portanto, a efetivação dessa tarefa se dará tanto pela difusão de textos literários e científicos, quanto através de textos que tratam dos mais variados assuntos, veiculando todo tipo de informação, como foi registrado: “*O Recreador Mineiro* convence-se da necessidade de seus passos não só pelo domínio da literatura, como também pelas regiões do jocoseiro e da hilaridade.” (RM-7).

Ou seja, a mulher, definitivamente, não faz parte daquela primeira categoria de leitores, talvez da segunda e, com certeza, da terceira. Por isso, existe um grande número de textos que são destinados a esse público e que procuram difundir noções de economia e agricultura doméstica; outros dizem respeito à transmissão de valores morais cristãos ou especificidades históricas de outras culturas, como nos próprios folhetins, e até mesmo nas anedotas ou nas charadas. Todos esses textos são mais simples, ou seja, destinados às categorias de leitores que, mesmo incapazes de absorver informação através dos artigos mais complexos, o fariam em busca da atividade recreativa. Esse conjunto de textos, acima de seu objeto particular que pauta-se na

transmissão de conhecimentos a respeito da investigação histórica, etnológica, geográfica ou literária, propõe aos leitores instrumentos, ferramentas críticas e todo um repertório de referências culturais que poderiam auxiliá-los a refletir e a se situar em relação aos outros, àquilo que é estrangeiro e, por conseguinte, a se auto-identificarem como nação. É esse, na verdade, o principal objetivo dos redatores desse periódico.